

Maria Betânia de Melo Ávila/Conselheira com Notório Conhecimento das Questões de Gênero e integrante do SOS Corpo Instituto Feminista para a Democracia - Eu quero saudar e agradecer a Ministra Eleonora pelo convite para participar dessa homenagem tão especial a Rose Marie Muraro. Quero saudar de maneira muito afetiva a Clara Charf que também está sendo homenageada nesta solenidade e a Tônia que representa aqui a sua mãe, a Rose Marie. Eu estou um pouco emocionada, porque estou participando de uma homenagem a duas mulheres por quem eu tenho não somente uma profunda admiração e respeito mas, também, por quem eu tenho um amor muito profundo, eu amo muito a Rose e amo muito a Clara. E também por estar aqui fazendo essa homenagem ao lado da Ministra Eleonora por quem eu tenho um profundo afeto e uma grande admiração, e também ao lado da Albertina Costa, por quem também eu tenho um grande afeto e admiração. Portanto, para mim essa é uma mesa e esse é um momento muito especial. A história de vida de Rose Marie é marcada pela sua força, por sua determinação, pela ousadia e pela radicalidade que a tornou uma das mais brilhante intelectual e feminista do nosso tempo, ao mesmo tempo uma mulher despojada, simples e generosa. Ela estudou física e publicou muitos livros polêmicos por contestar a ordem estabelecida. Foi muito inovadora e colocou sempre em questão a ordem patriarcal, capitalista, racista, e heteronormativa porque a Rose, na sua obra e na sua ação militante, ela sempre questionou todos esses sistemas de dominação. Nos anos 70 foi uma das pioneiras do Movimento Feminista no Brasil. É sempre bom lembrar que foi a Rose que trouxe a Betty Fridman para Brasil. Betty Fridman agitava o feminismo internacional a partir da sua ação nos Estados Unidos. Eu conversando hoje com a Shuma dizia: *“Bom, quando a Betty Fridman esteve em 1971, ela causou assim um reboliço.”* Porque era a feminista chegando, e você sabe que a imprensa local sempre consagra mais o que e quem vem de fora. Nós estávamos em plena Ditadura Militar, e em um momento muito violento dessa Ditadura Militar, era 1971. A Betty Fridman chegou aqui e foi com a Rose dar uma entrevista no Pasquim e causou uma agitação. Mas eu e Schuma consideramos que a Rose era muito mais radical do que a Betty Fridman, porque a Betty Fridman era uma feminista liberal que defendia a igualdade das mulheres dentro de uma ordem liberal. A Rose questionava a ordem vigente, então ela tinha uma radicalidade maior do que a visitante que tinha chegado e causado tanto sucesso. A Rose também teve uma ação muito importante como editora. Ela foi, durante 20 anos, editora da Vozes, e não só publicou muitos livros de sua autoria mas também editou milhares de livros super importantes naquela época, super

importante do ponto de vista de uma literatura de esquerda, do ponto de vista da literatura feminista, do ponto de vista da teologia da libertação. E ela foi uma grande companheira, foi feminista e grande companheira de muitas feministas, mas foi uma grande companheira também dos companheiros e companheiras da teoria da libertação, e foi uma pessoa muito ligada ao Frei Leonardo Boff. Ambos foram expulsos juntos da editora Vozes, justamente por conta da perspectiva teológica dele e da perspectiva feminista dela. A Rose teve e tem uma luta muito profunda. Uma luta muito profunda não só na defesa da igualdade, da liberação das mulheres, mas também dos oprimidos e do questionamento da dominação em geral. É bom também lembrar que essa expulsão da Rose Marie juntamente com Frei Leonardo Boff se fez, não só a partir da igreja no Brasil, se fez também a partir do Vaticano e isso mostra o tamanho da sua influência naquele momento e capacidade enorme de reverberação das suas ideias feministas e libertárias, ao ponto do Vaticano tomar essa medida a partir de Roma. A Rose é, e sempre foi uma feminista radical. Ela tem uma propriedade fascinante que e quem conviveu com a Rose na militância do Movimento Feminista sabe disso; a Rose é uma pessoa profundamente radical nas suas ideias e na defesa delas e no enfrentamento político e ao mesmo tempo a Rose consegue mobilizar em torno dela pessoas de diferente setores da população. Eu lembro que quando Rose ia ao Recife, ela ia muito ao Recife, não só convidada por nós feministas, mas também convidada por outros setores, ela enchia os auditórios nos quais se realizam suas palestras. Todas as rádios, todos os jornais e tvs., queriam uma entrevista. Quando ela chegava ao Recife era uma verdadeira mobilização feminista na cidade. Nós todas sabíamos que iríamos ter muita demanda porque a Rose tinha chegado. Então isso também era uma coisa muito própria dela na sua radicalidade. A Rose recebeu muitos títulos, e acho que ainda hoje recebe não é Tônia? Ela foi nove vezes Mulher do Ano, de 1990 até 1999, recebeu da revista Desfile o título de mulher do século, da União Brasileira de Escritores, de Intelectual do Ano. E como editora ela recebeu do Senado Federal o prêmio Teotônio Vilela em comemoração aos 20 anos de anistia no Brasil. Foi palestrante nas Universidades de Harvard e Cornell nos Estados Unidos. entre tantas outras instituições de ensino americanas e de outros lugares do mundo. Ela foi conferencista segundo os dados que eu levantei em 40 universidades fora do Brasil. Depois que saiu da editora Vozes, a Rose criou uma editora que foi a “Rosa dos Tempos” que foi uma editora fundamental para divulgar no Brasil obras clássicas do feminismo internacional e também do feminismo brasileiro. Ela é cidadã honorária de Brasília e de São Paulo. Ganhou o

prêmio Bertha Lutz, e foi nomeada Patrona do Feminismo Brasileiro, mas eu acho que deveria ser Matrona do Feminismo Brasileiro, porque é uma feminista não é patrona, afinal patrona vem da linhagem do patriarcado, e a Rose é uma das feministas mais antipatriarcal que eu conheço, se é que pode se medir o grau de antipatriarcado. Mas de fato a Rose é uma das feministas não concilia com essa ordem, que sempre teve confronto absoluto com o sistema patriarcal. Eu queria, para terminar, destacar a sua imensa obra. A obra da Rose Marie é uma obra fundadora, isto é, é uma obra que alimenta ideias feministas. Além disso, ela sempre teve uma militância através de suas palestras, estando presente em todos os lugares do país. Se posicionando publicamente e ocupando espaços políticos, como por exemplo, o de Conselheira no primeiro Conselho Nacional dos Direitos da Mulher em 1985. Mas de sua obra fundadora, eu queria destacar, aqui, dois livros; *“Os seis meses que fui homem”*, porque é uma obra que põe em questão o sistema político, sobre o qual nós estamos em uma discussão tão profunda agora e em luta por sua transformação. Um sistema masculino, patriarcal que vigora no Brasil, e ainda e infelizmente, em todo mundo ocidental, e eu acho que no mundo inteiro. Então esse livro, ele é um marco em termos de crítica, de questionamento do sistema político. O outro livro que eu gostaria de destacar aqui para finalizar é o livro *“Sexualidade da Mulher Brasileira, Corpo e Classe Social no Brasil”*, esse livro foi fruto de uma pesquisa que a Rose fez em alguns estados brasileiros, com trabalhadores e trabalhadoras, rurais e urbanos de diversos setores. Eu fui pesquisadora de campo para a Rose Marie nessa pesquisa, em Pernambuco. Eu queria chamar atenção para o subtítulo do livro dessa pesquisa, que é *“Corpo e Classe Social no Brasil”*, publicado 1980. Aqui quero ressaltar duas questões, para mim fundamentais. A Rose é uma das pioneiras, no Brasil, a tratar a partir do feminismo a questão do corpo e da sexualidade e tratou estas questões relacionadas com o conceito de classe social. Então isso era 1980, e eu quero colocar essa relação entre corpo, sexualidade e classe social como fundamental. Inclusive porque naquele momento havia um processo de subtração teórico e político do conceito de classe. Esse livro é um livro a ser sempre resgatado por sua abordagem radical em termos de corpo e sexualidade, mas por essa radicalidade ser dada também pela questão da classe social, que faz dessa radicalidade mais profunda e dialética. Eu acho que esse é um livro que todas as gerações deviam ter como referência. Bom, por fim, eu quero dizer que a Rose na sua militância feminista, na sua militância a favor dos oprimidos/as sempre foi dotada de carisma, de sensibilidade e ousadia. E essa mulher libertária é para todas nós feministas do Brasil, uma grande referência. Nós devemos a

Rose uma imensa gratidão pela sua obra, pela sua radicalidade, por nos inspirar e pela sua grande obstinação na sua concepção feminista de mundo, de política e de vida também. Porque eu acho que a Rose Marie como uma feminista, as suas ideias políticas também afetam a sua vida pessoal. Neste momento, e para terminar, eu quero mandar um beijo para a Rose Maire e pedir a Tônia, sua filha, que a representa aqui, nesta homenagem, que para mim é uma honra e uma alegria ter sido chamada para falar sobre ela nesta homenagem.

Brasília, 18 de fevereiro de 2014